

Do épico ao contestador: a história do cinema produzido no RS

Depois do primeiro filme exibido em 1909, o cinema gaúcho ganhou projeção, novas narrativas e é liderado hoje por uma geração com um linguagem mais experimental



É inegável que uma das prioridades do cinema gaúcho, ao longo do tempo, foi contar histórias ambientadas no meio rural e narrativas romantizadas de conflitos, como a Guerra dos Farrapos. O início da trajetória do audiovisual no Rio Grande do Sul foi no dia 27 de março de 1909 quando ocorreu a sessão de exibição do primeiro filme produzido no Estado: *Ranchinho do Sertão*, de Eduardo Hirtz. Por seu significado, a data foi transformada em Dia do Cinema Gaúcho, instituído pelo Instituto Estadual de Cinema do RS (IECINE) e a Fundação de Cinema do Rio Grande do Sul (Fundacine RS).

A figura do gaúcho idealizado é frequente durante toda a primeira parte do século 20, consolidando-se a partir do final da década de 1960 até o início dos anos 1980, com os filmes de Teixeirinha, que viraram clássicos e hoje são frequentemente exibidos em mostras pelo RS. Mas não ficou só nisso, porque as produções do campo continuaram e ganharam força até fora do Estado nas décadas seguintes, como é o caso dos destacados *Anahy de Las Misiones* (1997), de Sérgio Silva, e *Netto Perde sua Alma* (2001), de Tabajara Ruas e Beto Souza.

A partir da década de 1980 a narrativas no meio urbano começaram a prever a chegada de uma nova geração de realizadores, muitos deles estudantes universitários. O escritor, cineasta e pesquisador, Boca Migotto,

aborda este cenário em seu livro *Um certo cinema gaúcho de Porto Alegre ou Como o Cinema imagina a capital dos gaúchos* – adaptação de sua tese de doutorado na Ufrgs e que será lançado neste sábado, dia 13, durante o Festival de Cinema de Gramado. Ele ressalta no livro a importância da produção de realizadores de Porto Alegre, tendo como ponto de partida o filme *Deu Pra Ti Anos 70* (1981), de Nelson Nardotti e Giba Assis Brasil, e outras obras gravadas em Super-8, como *Coisa na Roda* (1982), de Werner Schünemann, *Inverno* (1983), de Carlos Gerbase, e *Verdes Anos* (1984), de Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil. “Embora o livro priorize os longas-metragens não havia como não incluir o curta *Ilha das Flores* (1989), do diretor Jorge Furtado, obra relevante em um momento de crise do cinema da capital, que abriu as portas da TV Globo para o Furtado e também incentivou muita gente a acreditar na possibilidade de fazer cinema em Porto Alegre”, comenta Migotto.

O escritor reforça ainda a importância da Casa de Cinema e do Clube do Silêncio para que a produção audiovisual local acontecesse, além, é claro, do Festival de Cinema de Gramado. “O Festival estabeleceu a ponte entre o pessoal daqui e os cineastas e críticos de fora do Rio Grande do Sul. Embora nos últimos anos tenha ocorrido uma diminuição dos debates e aumento do glamour, o evento se mantém relevante.”



Ilha das Flores representou uma nova era no cinema

Dirigido por Jorge Furtado e marco para o cinema gaúcho, o documentário venceu o Kikito de melhor Curta do Festival de Gramado, 1989, e foi premiado com o Urso de Prata no 40º Festival de Berlim, de 1990.



Audiovisual toma forma em Porto Alegre

Em meados da década de 1980 surgiu uma geração criativa de cineastas, como Jorge Furtado, Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil, que impulsionaram a produção audiovisual da capital gaúcha e, por consequência do Rio Grande do Sul. Entre essas produções estão *Deu Pra Ti Anos 70* (1981), *Coisa na Roda* (1982), *Inverno* (1983), e *Verdes Anos* (1984), da foto ao lado.



Nova geração e novas linguagens na tela

Sobre o cinema atual, Migotto observa que há uma nova geração criando obras mais experimentais, substituindo a linguagem clássica do cinema usada pelas gerações anteriores. “São filmes que retratam a Porto Alegre de hoje se posicionam contra problemas como racismo e homofobia. O documentário *Castanha* (2014), (imagem ao lado) de Davi Pretto, destacada no Festival de Berlim, é um bom exemplo. Também podem ser citados *Rifle* (2017), também de Davi Pretto, *Tinta Bruta* (2018) e *Beira-Mar* (2015), ambos de Filipe Matzembacher e Márcio Reolon.”



Teixeirinha marcou época

O músico gaúcho investiu na carreira de ator e produtor e lançou 12 filmes entre 1967 e 1981.



Histórias dos conflitos não perderam a força

Anahy de Las Misiones, filme de 1997, e dirigido por Sérgio Silva, é um dos mais aclamados filmes sobre o conflito da Guerra dos Farrapos. Foi premiado no Festival de Brasília daquele ano em seis categorias e, embora não estivesse concorrendo ao Kikito, teve boa repercussão no Festival de Gramado.